

Edifício de apartamentos: Novos programas, novas tipologias
Renato Locilento. 2000

como citar este texto:

LOCILENTO, R. .Edifício de apartamentos: Novos programas, novas tipologias. Monografia - disciplina SAP-5846 Habitação, Metrôpoles e Modos de Vida. São Carlos: EESC-USP, 2000. 210mmX297mm. 31 p. Ilustr. Plantas. Disponível em:
<http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html> Acessado em: dd / mm / aaaa

RESUMO

O texto discute a produção do edifício de apartamentos financiado pela iniciativa privada na cidade de São Paulo, analisando as diferentes soluções tipológicas desenvolvidas pelos arquitetos Modernos para este novo programa arquitetônico que surgia. A primeira parte situa o edifício de apartamentos no processo de metropolização e verticalização de São Paulo. Em seguida, são descritos e analisados os edifícios da Avenida Angélica (1927), Columbus (1934) e Prudência (1944).

Edifício de Apartamentos Novos Programas Novas Tipologias



Habitação, Metrópoles e Modos de Vida

Trabalho de Conclusão

Prof. Dr. Marcelo Tramontano

Renato A. Locilento

Orient. Prof. Dr. Carlos F. Martins

Agosto de 2000

Universidade de São Paulo Escola de
Engenharia de São Carlos Departamento
de Arquitetura Mestrado em Arquitetura



Introdução	1
O Surgimento do Edifício de Apartamentos	2
O Edifício de Apartamentos Avenida Angélica	13
O Edifício Columbus	19
O Edifício Prudência	23
Considerações Finais	26
Bibliografia	28
Ilustrações	30

Introdução

Dentro das várias transformações na configuração física e espacial que ocorrem em São Paulo entre as décadas de 30 e 50, a construção do espaço vertical no centro da cidade - em resposta às novas demandas do modo de vida em processo acelerado de metropolização - possibilitado pelo concreto armado e a difusão no uso dos elevadores, vai revolucionar a paisagem da cidade.

A partir do processo de metropolização e verticalização, o edifício residencial significou para o cotidiano da metrópole novas concepções de morar e novas relações com o espaço urbano. Neste sentido, este trabalho pretende investigar a produção do espaço residencial verticalizado privado, ou seja, a produção do edifício de apartamentos financiado pela iniciativa privada, analisando as diferentes soluções tipológicas desenvolvidas pelos arquitetos modernos para este novo programa arquitetônico que surgia.

Para tanto, delimitaremos dentro da produção existente três projetos onde pretendemos caracterizar e identificar as transformações e as inovações significativas na resolução do programa e distribuição espacial do apartamento, relacionando-as com as propostas de habitação vigentes e com modos de vida que se estabeleciam na metrópole paulista nas primeiras décadas do Século 20.

A primeira parte do trabalho pretende situar o edifício de apartamentos a partir do processo de metropolização e do surgimento da verticalização em São Paulo. A Segunda traz a descrição e a análise de três edifícios de apartamentos construídos na cidade na primeira metade deste Século: O Edifício de Apartamentos da Avenida Angélica(1927), O Edifício Columbus(1934) e o Edifício Prudência(1944).

O Surgimento do Edifício de Apartamentos

Em meados dos anos 30, a cidade de São Paulo já era considerada uma metrópole¹. A cidade, em constante crescimento acompanhado de uma crescente demanda habitacional, intensifica a produção de espaços de habitação verticalizada. O edifício de apartamento que surge na década anterior, produto das diversas transformações na sociedade e no espaço urbano que resultaram na emergência da verticalização, constituiu um novo programa arquitetônico.

"Na segunda metade do século passado, estas cidades(São Paulo e Rio de Janeiro) eram caudatárias do sistema econômico mais dinâmico e em expansão do país, a agricultura cafeeira de exportação. Em termos sociais, abrigavam movimentos políticos de grande repercussão, como aqueles que levariam à abolição da escravatura e à proclamação da República; em termos urbanos, eram palco do crescimento concomitante das atividades terciárias voltadas para o capital financeiro, para exportação de matérias-primas e para importação de produtos industrializados.; do ponto de vista demográfico, transformavam-se em polo de atração de correntes migratórias externas e, posteriormente, internas, principiando o processo de transferência da população do campo para a cidade." ²

No início do século 20 a cidade consolida sua importância econômica e assiste o princípio de uma incipiente industrialização, a intensa concentração urbana³ e a aceleração do processo de urbanização viviam um boom inédito na história urbana do país, consolidando novos loteamentos e modernizando a infra-estrutura da cidade. Além das transformações vinculadas ao processo de urbanização, das razões de ordem econômica e social, o surgimento dos edifícios altos significou a evolução na resolução de alguns problemas técnicos, como os referentes ao cálculo estrutural, à execução de fundações, à invenção dos elevadores e o desenvolvimento e disseminação do concreto armado. "A partir do concreto armado e do elevador, possibilitando a construção do espaço vertical no centro da cidade, no início do século , abrigando serviços e moradias, difundem-se formas e

¹ Nadia Somekh. *A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador: São Paulo 1920-1939*, São Paulo, Tese de Doutorado defendida na FAU - USP, 1994, p.155

² Sylvia Ficher - *Edifícios Altos no Brasil*, Revista Espaços e Debates, n.º 37, São Paulo, 1994, p.61.

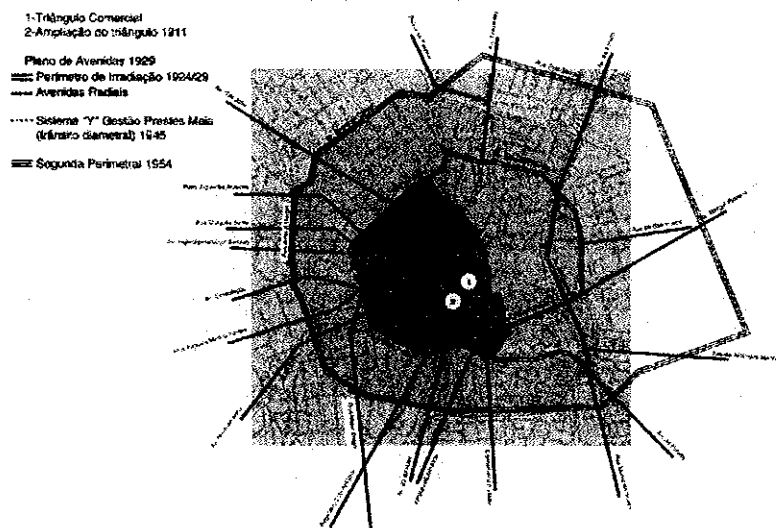
³ São Paulo em 1890 conta com 64.934 almas, este número é de 239.820 almas em 1900 - Fonte: Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. IX Recenseamento Geral do Brasil -1980. Vol. 1, tomo 1, n.º 8. Rio de Janeiro, IBGE, 198. in Maria Adélia A. de Souza. *A Identidade da Metrópole: a verticalização em São Paulo*, São Paulo, HUCITEC, EDUSP, 1994, p.63

usos novos que vão ganhando territórios e definindo novas formas de morar e de produzir espaços.”⁴

Os primeiros indícios de verticalização das construções em São Paulo aparecem no final do século passado e nas primeiras décadas deste século quando começam a ser erguidos edifícios de até três andares no centro da cidade.

“O crescimento vertical do Centro teve início na primeira vintena do século atual, embora fosse bastante modesto quer quanto sua altura (em geral, não superior a cinco andares), quer quanto ao número de edifícios.”⁵

Os novos edifícios altos começavam a substituir as velhas construções. Como aponta Muller⁶, desde o fim do século 19, o núcleo antigo já era bastante compacto, embora fosse possível encontrar algumas áreas vazias.



Dinâmica da Estrutura Urbana da Área Central Projetos 1900/1954

Nas primeiras décadas do século a verticalização se reproduz na mesma área do assentamento inicial da cidade de São Paulo, o chamado triângulo histórico - que era definido pelo largo da Sé, São Bento e São Francisco - e no centro novo, onde se misturavam nos edifícios o uso terciário e o residencial. Este processo onde a cidade sofre um

1- Mapa do triângulo histórico, local do assentamento inicial da cidade.

2 - Ampliação do triângulo, 1911.

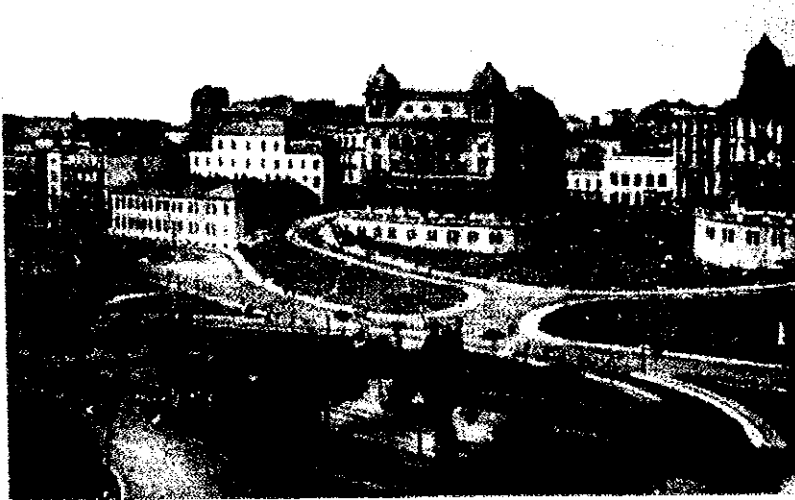
⁴ Maria Adélia A. de Souza. op. cit., 1994, p.33

⁵ Nícia Lecoq Muller. *A Cidade de São Paulo*. São Paulo in Aroldo de Azevedo, vol. III, Associação dos Geógrafos, 1954, p150. citado por Nadia Somekh in *A (des)verticalização de São Paulo*, São Paulo, Dissertação de Mestrado defendida na FAU-USP, 1987, p.55

adensamento em sua área central, segue um padrão de adensamento Europeu de uma cidade compacta e de verticalidade moderada.⁷

Resultante de uma economia cafeeira o centro da cidade apresentava características européias, ávidos por reproduzir aqui o padrão de vida europeu os fazendeiros de café tem presença marcante na produção do espaço urbano no período - está característica vai desaparecendo assim que o café deixa de ser o sustentáculo da economia.

“ Na área do Centro velho, dentro do tradicional triângulo histórico formado pelas ruas São Bento, Direita e 5 de Novembro, passam a ser incentivados uma série de usos comerciais e de serviços considerados “chiques” para os padrões da época, como as confeitarias, os cafés, as livrarias e festas vinícolas, as lojas de produtos importados, as casas de moda, enfim, todas aquelas atividades que fornecem o footing, as promenades, que haviam se tornado a coqueluche dos paulistanos na época. Mais um habito que a sociedade daqui copiava dos parisienses.”⁸



Intervenção de Bouvard Vale do Anhangabaú, c. 1915

Durante a administração de Raimundo Duprat (1911-1914), o centro de São Paulo conhece sua primeira grande intervenção urbanística com o “Plano Bouvard”⁹. Essa primeira transformação visava, segundo os discursos institucionais, ao descongestionamento e ao arejamento do centro, assim, foram alargadas algumas ruas perimetrais do chamado “triângulo histórico” como: Libero Badaró¹⁰,

⁷ Nadia Somekh, descreve o período das décadas de 20 e 40, como processo de Verticalização Européia da cidade, e de 40 à 57 - ano que é aprovada a legislação de Zoneamento de São Paulo - como processo de Verticalização Americana

⁸ José Geraldo Simões Júnior. “Bouvard: Um Urbanista Francês em São Paulo” in *São Paulo Centro XXI Entre História e Projeto*, Associação Viva o Centro, São Paulo, 1994, p36

⁹ Joseph Antoine Bouvard, um arquiteto e urbanista francês e, diretor - geral do departamento de parques da prefeitura de Paris, iniciara sua carreira trabalhando nos grandes parques de Paris na época em que o prefeito Hausmann realizava a remodelação da cidade. Simões Júnior, op. cit., p.36

¹⁰ Segundo Somekh o alargamento da rua Libero Badaró revestiu-se de um discurso sanitarista, uma vez que nessa área se concentravam cortiços e a zona de prostituição da cidade

Boa Vista e Benjamin Constant e foi construída a Praça da Sé, além disso foi aberta a avenida São João, o ajardinamento do Vale do Anhangabaú, construção do Parque D. Pedro II e, ainda, do Parque Trianon fora do Centro¹¹.

Em decorrência dessas intervenções¹² pontuais, - que a partir da administração Pires do Rio (1926-1930) assumem uma visão mais globalizante e mais articulada com as grandes questões da cidade - começa a ser erguida uma leva de edifícios altos onde se destaca o edifício "Casa Medici", situado na Ladeira Dr. Falcão esquina com a rua



Edifício Casa Médici, projeto do engenheiro Cristiano das Neves construído em 1912

Líbero Badaró, o edifício de 7 andares projetado para escritórios e estabelecimentos comerciais pelo engenheiro Cristiano Stockler das Neves em 1912, é considerado o marco da verticalização em São Paulo - este edifício foi o primeira obra em concreto armado projetada pelo arquiteto. Também em 1912, com a possibilidade da construção em vários pavimentos permitida pela inovação tecnológica, particularmente, com o desenvolvimento no uso do concreto armado, é construído pelo engenheiro Cristiano Stockler das Neves o Palacete Riachuelo, segundo Maria Adélia de Souza, um dos primeiros edifícios de apartamentos na cidade.¹³



Edifício palacete Riachuelo projeto de Cristiano das Neves, em 1912

¹¹ COGEP/FUNDAP O Planejamento Urbano em São Paulo: Documento*, São Paulo, 1979

¹² É importante destacarmos que a verticalização em São Paulo no que diz respeito às legislações de ocupação e uso do solo vão ser permanentemente reguladas pela ação do Estado.

¹³ Existe um conflito de informações em relação a data e ao autor do projeto. Em trabalho publicado pela SNM/Emplasa/Sempla(p.267), o edifício é projetado em 1925 pelo o Escritório Técnico de Engenharia Luis Asson. Não correspondendo às indicações de Somekh(1986, p.58) e Naclério Homem(1984,p.44), citado por Maria Adélia A. de Souza. op.

Na década de 20, São Paulo passa por intensas

transformações na sociedade e no espaço da cidade. A população que em 1920 conta com 579 033 habitantes, passa em 1930 a 901 645¹⁴.

"O mundo novo , representado por São Paulo, onde o primeiro branco se fundia com o índio, depois os descendentes destes se cruzavam com os negros, e agora as novas gerações se consorciavam com os fugitivos da Europa convulsionada, é a nova terra da promessa, onde se vão erguer as torres sólidas das "novas arquiteturas da sociedade futura", a Babel invertida, a Babel que une e, portanto, leva ao clímax, a consumação da missão mística que a sua antecessora frustrara."¹⁵

A indústria, com um crescimento lento desde o início do século e significativas dificuldades para obtenção de uma produção interna de materiais básicos para a verticalização, passa a ser beneficiada com as dificuldades econômicas mundiais geradas durante a Primeira Guerra Mundial, a partir do desenvolvimento de alguns ramos da indústria de bens de produção, antes importados dos países em guerra.¹⁶

"Apesar de a indústria da construção não dispensar as importações durante um longo tempo, parece claro que esse surto de indústrias de bens de produção na década de 20 foi também o sustentáculo da expansão da verticalização em São Paulo."¹⁷

Deste modo, na década de 20 a construção civil vai passar por um grande impulso, surgem os edifícios de mais de dez andares destinados a escritórios e apartamentos no centro, ampliando processo de verticalização na cidade.

Em 1924 era concluído o edifício Sampaio Moreira, o "pai dos arranha-céus"¹⁸ com treze andares e projeto do engenheiro Cristiano Stockler das Neves.

"O engenheiro Cristiano Stockler das Neves reivindicava para o edifício Sampaio Moreira, construído em



Edifício Sampaio Moreira, "o pai dos arranha-céus", projeto de Cristiano das Neves, concluído em 1924.

¹⁴ Anuário estatístico do Brasil; IBGE,1977.

¹⁵Nicolau Sevcenko. *O Orfeu Estático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frentes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p.38.

¹⁶ Sérgio Tolipan, et alii. *Sete ensaios sobre o Modernismo*. Rio de Janeiro, FUNARTE,1983,p.10.

¹⁷ Maria Adélia A. de Souza. *op. cit.*,1994, p.67.

em 1924, o título de primeiro arranha céu da cidade de São Paulo. No entanto, foi o edifício Martinelli que transmitiu com mais eloquência as novas possibilidades de crescimento às alturas.¹⁹

O prédio Martinelli, com mais de 25 andares, foi construído e projetado pelo seu próprio dono. (...) "símbolo da cidade, inaugurado em 1929, retrata, incontestavelmente um período importante na história da cidade."²⁰



Edifício Martinelli, projetado e construído pelo seu proprietário em 1929

Apesar da grande efervescência cultural dos anos 20 e, o espírito de cosmopolitismo e modernidade²¹, predominava na arquitetura as idéias e estilismos do século 19. "O grosso dos arquitetos seguia as regras clássicas de composição, mercê dos ensinamentos de seus mestres antiquados, nos cursos de formação arquitetônica ministrados nas escolas de engenharia, a Politécnica e a Mackenzie."²²

Segundo Carlos Lemos²³ a semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, pouca influência teve sobre esta arquitetura praticada na cidade. Os arquitetos que dela participaram não tinham o mínimo de conhecimento do que se fazia de moderno pelo mundo em matéria de racionalismo estrutural e a arquitetura exposta se mostrava compromissada com o passado lembrando os estilo das missões franciscanas da Califórnia.

Vale ressaltar que, em 1925, o arquiteto Rino Levi publicava²⁴. no "O Estado de São Paulo" uma carta chamando a atenção sobre a necessidade da realização de planos modernos de urbanização, pois nossas cidades cresciam ao sabor dos desejos e caprichos dos especuladores imobiliários. E no mesmo mês o arquiteto russo radicado em São Paulo Gregori Warchavchick escrevia no jornal Correio da Manhã

¹⁹ Nadia Somekh. *op. cit.*, 1994, p.88.

²⁰ Carlos Lemos *Cozinhas, etc...*, São Paulo, Perspectiva, 1978, p.154.

²¹ Maria Adélia coloca que os anos 20 se constituem num marco importante do processo de transformação da cidade de São Paulo no campo fértil da modernidade (...) "As transformações que operam, sob múltiplos aspectos, enunciam os tempos que estão por vir. A semana de 22 é um símbolo desses tempos" Maria Adélia A. de Souza. *op. cit.* 1994, p.64 Ainda sobre a semana de 22 Ronaldo Brito, afirma que: "A Semana de 22 representou o primeiro esforço organizado para olhar o Brasil moderno. E, por isto, num certo sentido, também para construir o Brasil Moderno". A Semana de 22: O trauma do moderno, in *Sete ensaios sobre o Modernismo*. 1983, p.14

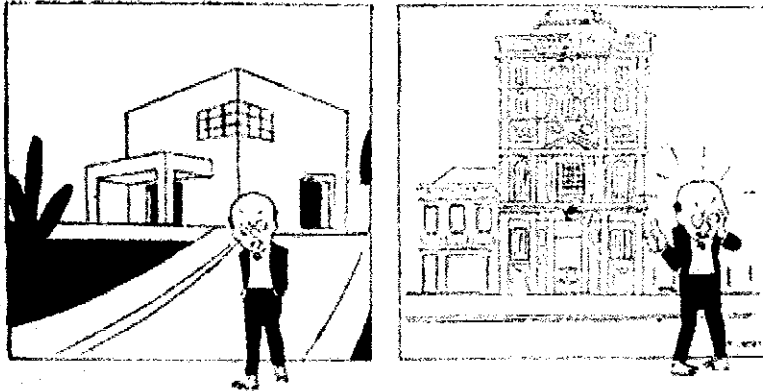
²² Carlos Lemos, - *Arquitetura Brasileira*, São Paulo, Melhoramentos/EDUSP, 1970.p.134

²³ Carlos Lemos, *op. cit.*, 1970, p.134

²⁴ Rino Levi, - "Arquitetura e Estética das Cidades", *O Estado de São Paulo*, 15 de outubro, in XAVIER, Alberto (org.) *Arquitetura moderna: Brasileira Depoimentos de uma Geração*, São

do Rio de Janeiro o manifesto "Acerca da Arquitetura Moderna"²⁵, pedindo a ruptura com os modelos antigos e a adaptação à contemporaneidade.

Em 1927-28, Warchavchick construiu sua moradia na rua Santa Cruz e nos dois anos seguintes realiza e inaugura o projeto da famosa "Casa Modernista" colocada em exposição com grande repercussão na cidade.



Caricatura publicada na época da "Exposição de uma Casa Modernista", no jornal Folha da Manhã de São Paulo em 10 de Abril de 1930 por Belmonte. ...Diz Juca Pato: "eu nunca fui amante da arquitetura modernista, ...mas, depois que vi estas coisas amontoadas sou o maior futurista do mundo".

A casa da rua Santa Cruz foi construída na tradicional alvenaria de tijolos, com seu piso elevado em soalho pregado em madeira e telhado em telhas capa e canal. O uso de materiais comuns e tradicionais são mais tarde²⁶ justificados pelo arquiteto através da descrição das dificuldades tecnológicas na época, das condições precárias dos materiais e da impossibilidade de se construir modernamente usando concreto armado.

Entretanto é notável a habilidade encontrada pelo arquiteto para superar as dificuldades e expressar as suas preocupações formais.



Abaixo, caricatura publicada em Setembro de 1929, em A Revista Ilustração Brasileira, n. 109, em número dedicado especialmente à Arquitetura e Artes Afins.

- QUEIRA SENTAR-SE
- MUITO OBRIGADO.....?

WEEK-END MODERNO
CHEGADA DE AMIGOS

OLÁ...! NÃO CORRAM TODOS PARA O
TERRAÇO...!
VOCÊS DERRUBAM A MINHA CASA...!

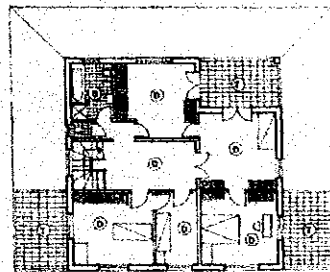
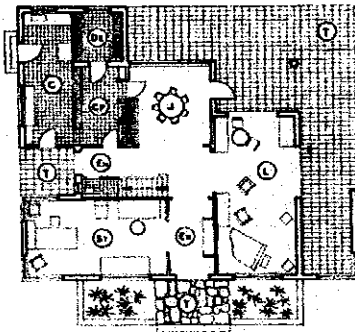
²⁵ Gregori Warchavchick - "Il futurismo" publicado em 14 de junho, no jornal da colônia italiana // *Piccolo* e republicado com o título "Acerca da Arquitetura Moderna" em 1 de novembro, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. in XAVIER, Alberto (org.) *Arquitetura moderna Brasileira: Depoimentos de uma Geração*, São Paulo, Editora Pinji/ ABEA/FVA, 1987.

²⁶ Texto extraído do relatório, enviado por Warchavchick a Giedion, secretário-geral do CIAM, para o Congresso de Bruxelas em 1930. *Apud*. Geraldo Ferraz, *Warchavchick e a introdução da nova arquitetura no Brasil: 1925 a 1940*, MASP, 1965 p.51



Casa na rua Santa Cruz, Vila Mariana, São Paulo, 1927. Projeto do arquiteto Gregori Warchavchik "A primeira casa modernista, em sua pureza quase ascética, surgiu revolucionariamente no panorama arquitetônico paulistano". (FERRAZ,1965)

(...) "a fachada principal apresentava uma justa posição de volumes simples contíguos, onde só eram empregados linhas e ângulos retos; não havia não havia nenhum vestígio de modinatura e as superfícies absolutamente lisas eram animadas somente pelos vãos das portas e das janelas, equilibradas com harmonia. Por seu caráter absoluto a ausência de ornamentos constituía uma provocação." ²⁷



Plantas do andar térreo e primeiro andar. Casa da rua Santa Cruz

- L. Sala de Estar
- En. Entrada
- St. Escritório
- J. Sala de Jantar
- Cp. Copa
- T. Terraço
- De. Despensa
- C. Cozinha
- D. dormitórios
- B. Banheiros

Para Lemos esta casa foi o marco finalizador do ciclo cafezista das residências burguesas.²⁸ Em termos de planta, a resolução era absolutamente normal e tradicional com o agravante de ter dois vestíbulos, o íntimo e o "social".

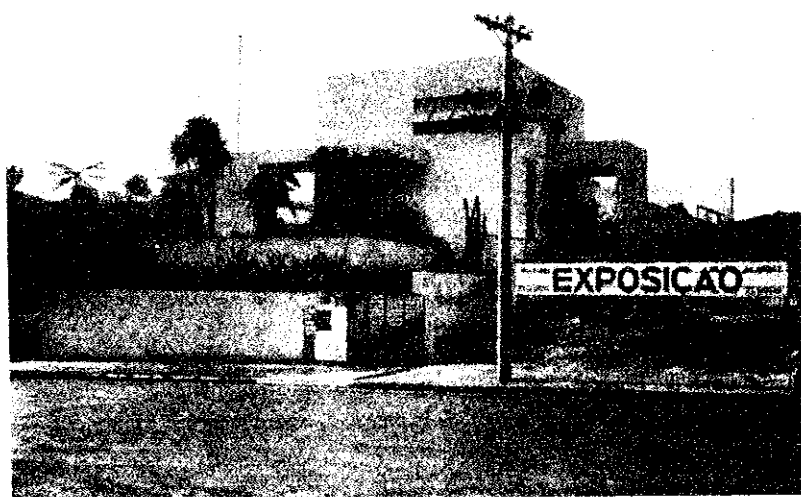
"A própria casa modernista era concebida nesse esquema tradicionalista apesar de já ostentar seus elementos estruturais de concreto armado." ²⁹

²⁷ Yves Bruand,- *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, São Paulo, Perspectiva, 1981.p.67

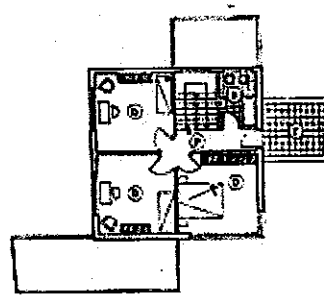
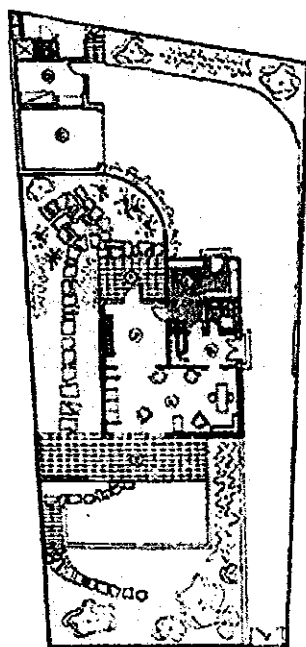
²⁸ Carlos Lemos- *Avenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de bñjos em São Paulo*. São Paulo Nobel, 1989, p.201

²⁹ Carlos Lemos, A.A.V.V.- *Warchavichik, Pilon, Rino Levi - Três momentos da arquitetura paulista*, São Paulo, Museu Lasar Segall/

Em 1930 Warchavchick inaugura com uma exposição pública sua residência construída na rua Itápolis, a famosa "Casa Modernista", realizada com estruturas de concreto armado com terraços na cobertura e volumetrias condizentes com o geometrismo da linguagem racionalista. Porém as soluções em termos de planta não apresentava qualquer alteração significativa do que já se realizava nas casas convencionais.



A "Exposição de uma casa Modernista", 26 de Março a 20 de Abril de 1930. Projeto de Warchavchick na rua Itápolis em São Paulo.



ANDAR SUPERIOR

Plantas da Casa Modernista

- L. Sala de Estar
- J. Sala de Jantar
- En. Entrada
- T. Terraço
- C. Cozinha
- G. Garagem
- Q.e. Quartode Enpregada
- D. Dormitórios
- B. Banheiro

A década de 30 assistiria à multiplicação de uma grande inovação no setor residencial, com a disseminação do uso do concreto armado e dos elevadores o edifício mostra-se definitivamente como solução de moradia, até então esta solução era aceita com relutância e altamente rejeitada pelo gosto popular. Lemos coloca³⁰ que esta rejeição se dava especialmente pela classe média que não admitia promiscuidades semelhantes aos cortiços das classes baixas.

Para esta classe poucas alternativas existiam, com a diminuição do poder aquisitivo e o aumento da população das zonas centrais, a classe média tem apenas dois caminhos a seguir. (...) "ou o indivíduo da classe média optava pelo pequeno chalet, ou bungalow, ou sobradinho geminado nos bairros afastados longe do local de trabalho, ou aceitava o apartamento bem situado."³¹

Acreditamos que além disso, a aceitação do edifício de apartamentos na década de 30, se deu a partir de uma melhoria sensível na infra-estrutura das zonas centrais da cidade - comércio, transporte, serviços bancários e lazer - e da presença do especulador imobiliário, sempre pronto em oferecer habitações que vão de encontro aos desejos e anseios do mercado.

Os edifícios de apartamentos desta década de 30 e da década anterior, eram todos destinados ao aluguel e oferecidos sobretudo para classe média, os edifícios levavam os nomes das famílias que o construíam, normalmente famílias quatrocentonas produtoras de café - este período é denominado por Maria A. A. de Souza de período rentista.³²

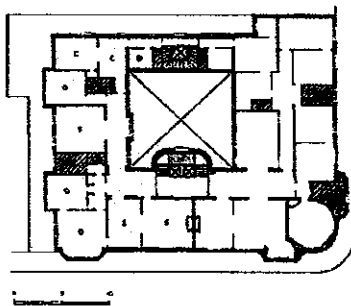
Esta produção de edifícios que visavam unicamente os lucros a partir de bons aluguéis e a necessidade de oferecer comodidade para a classe média, eram resolvidos nos mesmos esquemas das habitações térreas, possuindo o mesmo conforto e as mesmas circulações dos palacetes da época.

³⁰ Carlos Lemos, *op. cit.* 1970, p.136

³¹ Carlos Lemos *Cozinhas, etc.*, São Paulo, Perspectiva, 1978, p.154.

³² Maria Adélia A. de Souza. *op.*

Nestor Goulart Reis Filho aponta em texto publicado na revista Acrópole em 1968, as dificuldades enfrentadas nas soluções para o edifício de apartamentos.



Planta do Edifício de Apartamentos Guinle, construído no Rio de Janeiro, c.1932, em estilo art-deco pelo arquiteto Alessandro Baldassini.

A escolha de um edifício de apartamentos localizado no Rio de Janeiro, se deu pela dificuldade de encontrarmos material em bom estado dos edifícios deste período em São Paulo.

As soluções para as plantas dos edifícios de apartamentos em São Paulo e Rio de Janeiro seguiam os mesmos padrões, dispondo os cômodos como as residências unifamiliares da época.

“Essa necessidade de pensar o prédio de apartamento como apenas dimensionalmente diversos das casas individuais isoladas, essa impossibilidade de enfrentar um novo problema segundo uma escala adequada, faria com que a verticalização, conquistada pelos aperfeiçoamentos das estruturas de concreto e dos elevadores, ao mesmo tempo que abrisse novas e amplas perspectivas, destruísse as conquistas que a arquitetura vinha realizando nas residências individuais, como a reconciliação com a natureza, a integração com os espaços interiores e exteriores e a liberdade de disposição dos edifícios sobre o terreno.”³³

E descreve o edifício e seus apartamentos. “Os exemplos mais antigos resolviam-se, dentro do possível, como as residenciais da época e não como um problema novo. Plasticamente, os edifícios eram solucionados em termos de fachada, acompanhando os estilismo, até mesmo o ‘modernismo’. Internamente procurava-se por todos os meios, repetir as soluções de plantas das residências isoladas com seus corredores, salas e saletas e mesmo amplos alpendres, de modo a oferecer aos habitantes uma reprodução de seus ambientes de origem. Repetiam-se as salas de almoço, junto às cozinhas e as salas de jantar e visitas, muito formalizadas, separadas por portas amplas em cristal bizotado ou vidros coloridos. Os detalhes retocavam a imitação: frisos e ornatos de gesso sob as lajes, à moda dos velhos forros de estuque, janelas com venezianas fechando com cremonas e presas por carrancas no exterior ou ainda vidraças de guilhotina, contribuindo, todos eles, para dar aos habitantes a sensação de segurança e liberdade de uma casa isolada, atenuando-lhes as penas de uma terrível claustrofobia.”³⁴

O primeiro exemplo de edifício de apartamento que subverte o esquema tradicional vigente foi realizado no final da década de 20 no bairro de Santa Cecília, na avenida Angélica entre a avenida São João e a rua Brigadeiro Galvão, uma obra de cunho inovador que se constituiu como

³³ Nestor Goulart Reis Filho - *Arquitetura Urbana de 1920-1940: apartamentos, escritórios e indústrias*, Revista Acrópole, n.º 351, 1968, p. 37.

³⁴ Nestor Goulart Reis Filho. *op. cit.*

O Edifício de Apartamentos Avenida Angélica

Considerado por alguns autores³⁵ como a primeira construção moderna na cidade de São Paulo, o edifício de apartamentos localizado na Av. Angélica, nº 172, - "excelente e pioneiríssimo prédio"³⁶- projeto do arquiteto Júlio de Abreu Júnior, construído em 1927 para a classe média, representa sob o ponto de vista funcional uma completa renovação dos hábitos paulistanos de morar.

No ano da finalização de sua construção, o edifício obteve uma enorme repercussão na cidade. "Quando ficou pronto, as pessoas faziam fila para poder visitar o prédio" – declara³⁷ sua primeira moradora e proprietária, Dona Lula.



Fachada do Edifício de Apartamentos da Avenida Angélica em São Paulo, construído em 1927 pelo arquiteto Júlio de Abreu Júnior.

³⁵ Alberto Xavier, Carlos Lemos e Eduardo Corona - *Arquitetura Moderna Paulistana*, São Paulo, Pini, 1983, p.1.

³⁶ *Idem, ibidem*, p.1

³⁷ Entrevista cedida pela Sra. "Lula" Mendes Margarido, filha do proprietário e primeira moradora do edifício, para os alunos da FAU-USP em monografia realizada para disciplina Economia do Edifício, ministrada pelo professor Jorge Hajime Oseki em 1990. A cópia do trabalho se encontra no próprio edifício com os atuais

A curiosidade despertada na população é perfeitamente compreensível, pois o edifício se diferenciava das construções da época, a fachada, que não trazia nenhum tipo de decoração tradicional, era composta apenas pelos vazios das varandas das salas e alguns vãos de iluminação e ventilação da cozinha que contrastam com as superfícies cegas das paredes de fechamento dos banheiros, possibilitando ao conjunto um claro sentido de três dimensões. (...) "os observadores menos prevenidos eram levados os a julgar, na época, que aquela fachada mostrava os fundos de um prédio na outra rua" ³⁸.

O arquiteto Júlio de Abreu Júnior nasceu em São Paulo em 1895, formou-se engenheiro na Escola Politécnica de São Paulo em 1914, no mesmo ano viajou para França e mais tarde em 1918 concluiu seus estudos na École Speciale des Travaux Publics du Bâtiment et de L'Industrie de Paris³⁹. Voltou para o Brasil e começou sua carreira em São Paulo, onde projetou e construiu edifícios de apartamentos e principalmente edifícios industriais. (...) "O Júlio era filho de uma amiga da minha mãe e, quando retornou da França, após um período de estudos, meu pai tinha este terreno, e acabou encomendando para ele o projeto do edifício." ⁴⁰

Em 1931 Júlio de Abreu Júnior, projeta e constrói na avenida Atlântica, o primeiro prédio moderno edificado no Rio de Janeiro, este edifício também de apartamentos tem onze andares, incluídos o subsolo, o térreo e a cobertura. Suas características formais estão muito próximas as do edifício da avenida Angélica.



(...) "As técnicas aplicadas na construção resultam das pesquisas realizadas à vários países da Europa, adaptadas a realidade brasileira. Trata-se também do primeiro edifício alto de apartamento erguido na Av. Atlântica. Não tem tijolo, mármore, rodapé

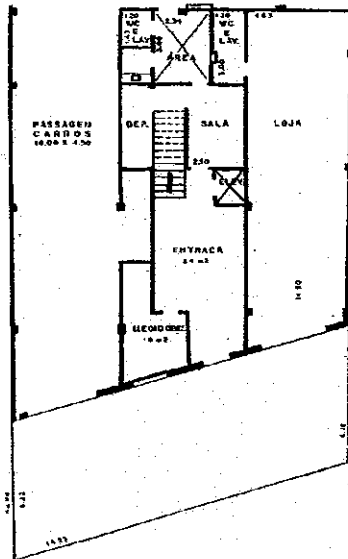
Perspectiva do edifício de apartamentos na Avenida Atlântica no rio de Janeiro construído em 1931, pelo arquiteto júlio de Abreu júnior.

³⁸ Nestor Gular Reis Filho. *op. cit.*, 1968, p. 36-7.

³⁹ Hugo Segawa - *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, São Paulo, EDUSP, 1997, p.57

emboço, soalho e nem pintura pelos processos tradicionais.”⁴¹ Além das pesquisas realizadas em vários países da Europa acreditamos que Abreu Júnior, em sua passagem pela França, tenha entrado em contato com as propostas e soluções estéticas aplicadas à arquitetura pelos movimentos de vanguarda europeus do início do século.

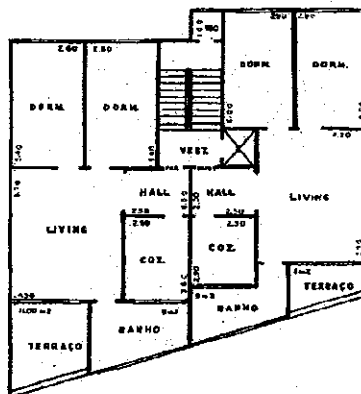
O edifício da avenida Angélica conta com o térreo⁴² e mais seis pavimentos, nos cinco primeiros, estão distribuídos dez apartamentos (dois por andar) servidos por escada e um elevador, o sexto, é destinado às dependências de empregadas e possui um pequeno terraço com tanques para lavagem de roupas, o acesso é feito somente pela escada, já que o elevador não atende a este último pavimento.



Ao Lado.
Planta do térreo do Edifício da Avenida Angélica.

Abaixo.
Planta do pavimento tipo (primeiro ao quinto andar)

O edifício, apesar de repetir sua implantação sobre os limites do lote como nos sobrados coloniais⁴³, traz para época, uma evidente inovação na distribuição dos apartamentos. Um hall comum, acessível pela escada e pelo elevador, serve os dois apartamentos (par e ímpar), a partir de um pequeno vestíbulo na entrada do apartamento se tem acesso à sala e à cozinha, esta última, com sua porta alinhada a porta principal tem a iluminação e a ventilação garantida por uma abertura junto a laje, voltada para a fachada principal do edifício, esta solução foi possível através



PLANTA TIPO (1º a 5º)

⁴¹ "Primeiro edifício moderno do Rio já tem 48 anos", matéria publicada na revista A CONSTRUÇÃO, São Paulo, nº 1615, 1979, p.12.

⁴² O térreo é dividido por três "faixas longitudinais" no sentido do terreno, demarcadas pelos pilares estruturais, a primeira, é destinada à passagem de carros, ligando a rua à garagem localizada ao fundo do lote, a segunda, é formada por um pequeno saguão de entrada, que acessa a escada e o elevador, uma sala e demais dependências de serviço, a terceira, se destina à uma loja, hoje ocupada por um bar.

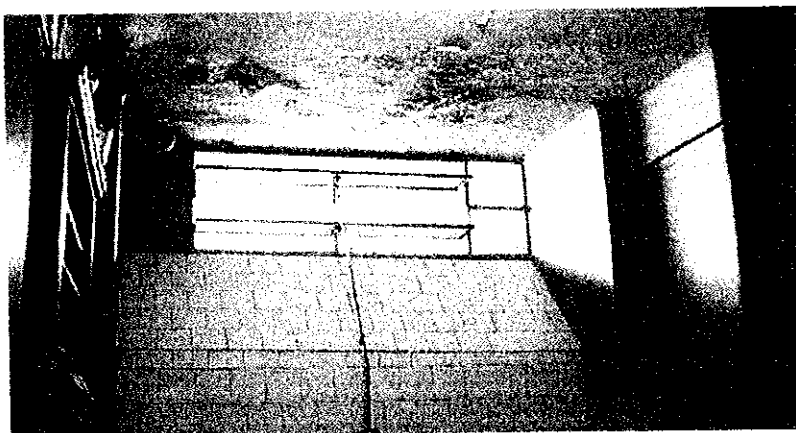
⁴³ Nestor Gular Reis Filho. *op. cit.*, 1968, p. 36.

do rebaixamento do teto do banheiro que se encontra alinhado a frente da cozinha com sua abertura também voltado para a fachada principal, o acesso ao banheiro é feito pela única sala existente que é iluminada naturalmente por uma generosa varanda, mais tarde alguns apartamentos fecharam esta varanda com vidros, obtendo assim um



Detalhes do elevador do Edifício, com espelhos e desenhos geométricos em cobre.

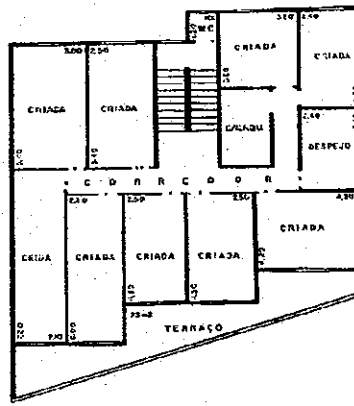
novo ambiente para o apartamento. Os dois dormitórios tem suas aberturas voltados para o fundo do edifício, recebendo o sol no período da tarde, os apartamentos do primeiro andar contam ainda com um pequeno pátio ensolarado sobre a laje do térreo, acessível por portas balcão instaladas nos dormitórios. Não se observa nenhum tipo de ornamentação no interior dos apartamentos, as portas, com exceção da principal que recebe uma camada de verniz, são de madeira pintada em cores claras, sem "almofadas" ou qualquer tipo de aplicação em relevo, as janelas dos quartos são do tipo veneziana e mantém o mesmo padrão, o acesso a varanda se faz através de uma porta com esquadrias em ferro pintado e fechamento em largas faixas de vidro, esta quando aberta, garante uma total integração entre a varanda e a sala, as aberturas da cozinha e do banheiro são de esquadrias basculantes, também em ferro pintado.



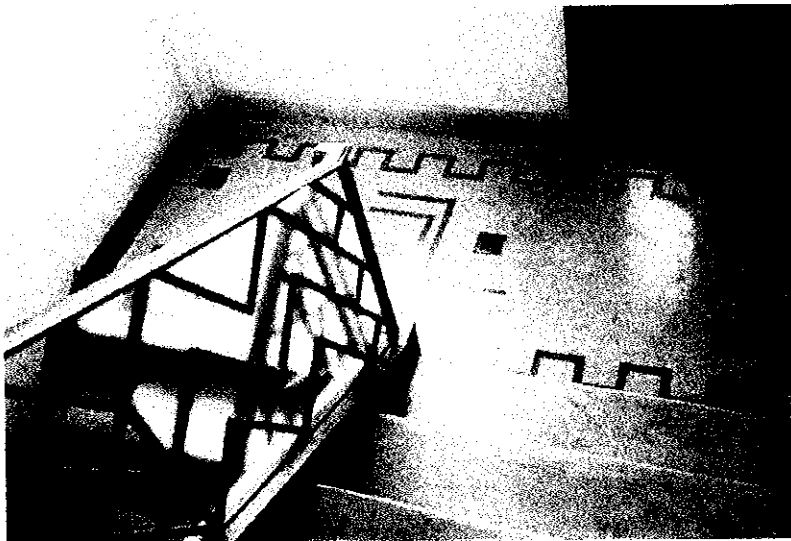
Abertura para iluminação e ventilação da cozinha, possibilitada através do rebaixamento da laje do banheiro.

As dependências que se localizam na cobertura, estão divididas em nove quartos, junto a casa de máquinas do elevador e uma área para despejo. Segundo alguns autores⁴⁴, esta localização garantiria as empregadas "certas condições próprias de convívio", e obedecem critérios de agenciamento desconhecidos na época em

São Paulo. Porém esta solução apesar de curiosa e desconhecida⁴⁵, tem sua origem ainda vinculada à tradição ligada ao regime discriminatório do escravagismo, a edícula - aposentos da criadagem - colocada no fundo do lote das residências separada da casa principal, assume no caso do edifício da Av. Angélica, uma área localizada no último andar acessível apenas pela escada, com o agravante dos banheiros que servem estas dependências estarem localizados nos patamares intermediários da escada.



Planta da cobertura do edifício, onde estão localizados os quartos para as empregadas, a casa de máquinas do elevador, um cômodo para despejo e um pequeno terraço. Os banheiros para uso das empregadas estão localizados nos patamares intermediários da escada.



Detalhe do guarda corpo da escada e patamar em cimento queimado com desenhos geométricos destacados por um filete de cobre. esta solução pode ser observada no hall de entrada e no piso das varandas

Outro detalhe que pode ser observado - embora aqui com certa sutileza - é o o desenho vazado em ferro pintado do guarda corpo da escada, onde estão colocados como símbolo, três letras "M", iniciais de Marina Mendes Margarido esposa do proprietário.

⁴⁴ Alberto Xavier, Carlos Lemos e Eduardo Corona *op. cit.*, 1983, p.1

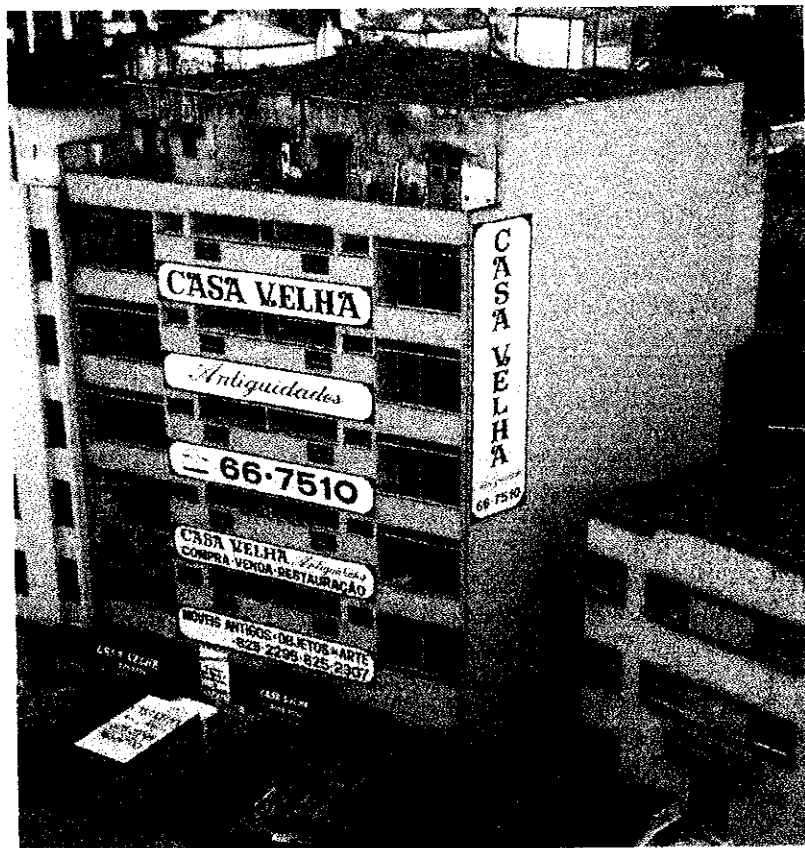
⁴⁵ Soluções semelhantes podem ser observadas em alguns edifícios de apartamentos burgueses, de poucos andares, na França do séc. 19. Outro exemplo, apesar de não ser um edifício, é a casa Tassel, de Victor

Mesmo assim, este projeto deixa de ser resolvido como as residências da época, criando novas soluções e enfrentando o edifício de apartamento como um problema novo. Sua fachada, como já vimos, vai inovar através do jogo de cheios e vazios e da plasticidade racional. No interior, a tripartição das funções – “estar”, “íntimo” e



Vista da sala para a varanda. Neste apartamento foram colocadas esquadrias com vidros no guarda corpo da varanda, possibilitando a integração e ampliação da sala.

“serviços” - apesar de estarem presentes, estão dissolvidas a partir da sobreposição dos espaços. Deixando de repetir as plantas das residências isoladas, desaparecem os corredores e as salas de almoço junto a cozinha, as salas de jantar e visitas separadas por suas amplas portas são aqui substituídas por uma única sala sem ornamentos ou forros de gesso junto a laje, bem iluminada e ventilada por uma varanda que garante o conforto e uma total salubridade.



Vista atual do Edifício de Apartamentos da Avenida Angélica, onde todos seus andares são ocupados por uma loja de antiguidades

O Edifício Columbus

O edifício de apartamentos Columbus, localizado na Av. Brigadeiro Luís Antônio. Foi projeto pelo arquiteto Rino Levi, em 1930/32, sendo executado em 1933/34 e demolido em 1971. No dizer do arquiteto este edifício de apartamento se propunha a: "examinar, no seu verdadeiro aspecto e sem preconceitos de forma, o problema de abrigar numerosas famílias e de oferecer-lhes o maior conforto possível".⁴⁶ O projeto do Columbus sofreu um longo desenvolvimento, sendo realizadas diversas propostas por cerca de cinco anos.

"A primeira proposta do Columbus que temos como documento, uma única perspectiva, é datada de fevereiro de 1930. O projeto estava ainda longe de sua forma final. Voltado inteiramente para a Avenida Brigadeiro Luís Antônio, este estudo não apresentava nem a estrutura espacial de torre sem fachada principal, nem as modelações e balanços que caracterizam o projeto definitivo. O segundo estudo datado do mesmo ano, revela algumas características do projeto construído. Já apresentava o esquema cruciforme adotado na versão final, ainda que tivesse um maior número de apartamentos por andar. A redução acentuava a verticalidade e simetria do conjunto, conferindo uma monumentalidade que seria abandonada na proposta definitiva. O terceiro estudo serviu de transição para o projeto definitivo, sendo ambos datados de 1933, ano no qual seria iniciada a obra."⁴⁷



Propostas de Rino Levi para o projeto do Edifício de Apartamentos Columbus.

Primeiro projeto para o Columbus, 1930.



Segundo projeto para o Columbus, 1930.



Terceiro projeto para o Columbus, 1933.

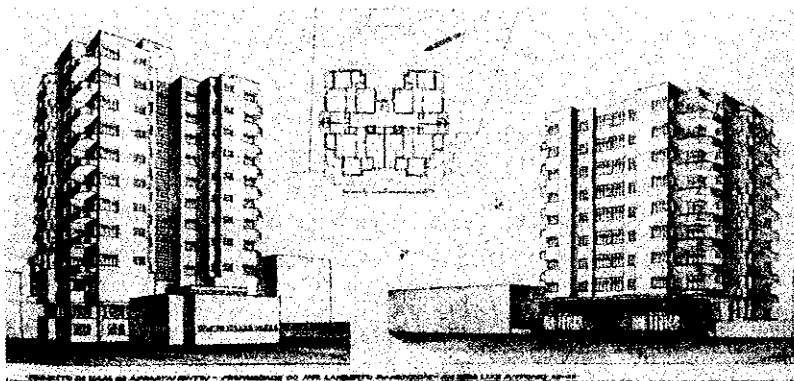


Quarto projeto para o Columbus, ainda sem o arredondamento dos balcões, 1933.

⁴⁶ Carlos Lemos, *op. cit.*, 1970, p.133

⁴⁷ Renato Luiz Sobral Anelli, - *Arquitetura e Cidade na Obra de Rino Levi*, Tese de Doutorado defendida na FAU-USP em 1995.

Nascido em São Paulo em 1901, Rino Levi, se formou pela Scuola Superiore di Architettura di Roma em 1926, ainda na Itália, escreve uma carta para o jornal Estado de São Paulo, que seria publicada em outubro de 1925 com o título "Arquitetura e estética das cidades". Em 1926, retorna para o Brasil e trabalha por um ano e meio na Companhia Construtora de Santos. Inicia em 1927 seus primeiros projetos individuais. Seus primeiros projetos modernos, entre 1929 e 1930, foram os estudos para o edifício Columbus junto ao estudo de casas econômicas para a Sra. Regina Previdelli. Entretanto, como já colocamos, a forma conhecida do Columbus seria atingida três anos mais tarde.



Versão final para o Edifício Columbus desenvolvida em 1933, e apenas construída em 1934.

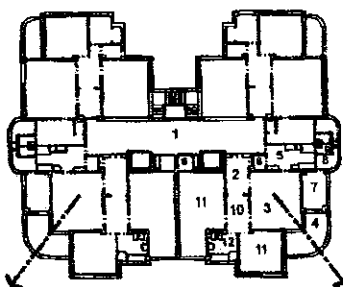
O edifício Columbus se constitui a partir de uma garagem no subsolo - acessível pela rua de trás da Av. Brigadeiro Luís Antônio, em cota mais baixa - o térreo e mais oito pavimentos com quatro apartamentos cada.

Nos pavimentos, os apartamentos estão colocados de forma simétrica e divididos pelo corredor de circulação em dois tipos, os voltados para fachada principal são maiores e apresentam uma organização espacial diferenciada. Todos os andares são servidos por escada e dois elevadores, que



Perspectiva do Columbus, c. 1935

Neste trabalho, vamos nos ater a análise dos apartamentos maiores voltados para a avenida. Estes apartamentos contam com uma área de serviço que se divide em cozinha, despensa, terraço de serviço, dormitório de empregada e banheiro. Dois dormitórios e um banheiro constituem a área íntima, a social é formada a partir do hall de entrada por uma sala no centro do apartamento e pela varanda.



Planta do Andar Tipo do Edifício Columbus

Andar Tipo

- 1 - Hall
- 2 - Entrada
- 3 - Sala de Estar
- 4 - Varanda
- 5 - Cozinha
- 6 - Armário
- 7 - Empregada
- 8 - Varanda Serviço
- 9 - Banho Serviço
- 10 - Vestíbulo Dorm.
- 11 - Dormitório
- 12 - Banheiro

"Nas habitações internas dos apartamentos, teve-se a preocupação de bem caracterizar as suas partes componentes (serviço, social e habitação noturna), localizando-as de modo nítido e prático. Era necessário também que os inquilinos usufruíssem da vista panorâmica, magnífica em todas as direções. Isso foi realizado mediante amplos terraços localizados nos quatro ângulos do edifício; localização essa, que permite de obter um largo campo visual. A comunicação entre terraços e salas contíguas se realiza através de uma porta de amplas dimensões, que se move por meio de fáceis processos modernos e que permitem a abertura integral, vantajosa para a estética do conjunto do edifício, enquanto se obtém a fusão dessas duas dependências num conjunto só."⁴⁸

No texto de apresentação do edifício, Rino Levi deixa claro sua intenção de dividir as funções do apartamento, nesse sentido, são repetidos os mesmos esquemas

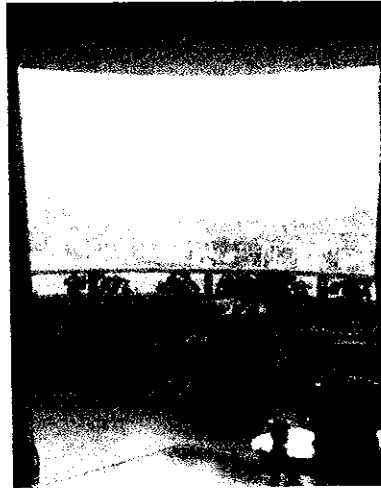


Vista aérea do Edifício Columbus e entorno, São Paulo, 1935.

⁴⁸ Texto de apresentação do projeto para o Columbus. Original escrito em italiano e arquivado junto aos memoriais técnicos do projeto no arquivo Rino Levi. Citado por Renato L. S. Anelli, *op. cit.*, 1995, p.237

tradicionais das casas burguesas isoladas. A área de serviço mantém sua entrada independente pela cozinha e o dormitório de empregada é isolado sendo acessível apenas pela varanda de serviços, configurando estes espaços como uma área de rejeição. Os dormitórios e banheiro, chamados por Levi de "habitação noturna", são acessíveis por um corredor a partir da porta de entrada, quando dividido ao meio por uma cortina⁴⁹ este corredor se transformava-se em dois vestíbulos, um servindo entrada e outro os quartos e banheiros.

A inovação da distribuição espacial está na resolução da área de estar. A sala única sem divisórias, se encontra no centro do apartamento e é "rompida" diagonalmente ligando-se a paisagem exterior através da varanda em



Fotografia do interior do apartamento.

A direita, vista da sala para a varanda com portas de correr em ferro e vidro que se abrem a partir da quina em balanço.

A esquerda, vista da sala para varanda com as portas abertas permitindo a integração dos ambientes e a observação da paisagem.

balanço na quina do edifício. Esta operação confere à estrutura espacial um sentido diagonal e centrífugo que tem por objetivo segundo o arquiteto, "usufruir da vista panorâmica em todas as direções". Esta solução, inédita até então, revela a intenção do arquiteto em romper os limites entre interior e exterior e é possibilitada pelo uso também inédito de amplas portas de correr, estas quando abertas, além de oferecer a bela paisagem, integram a varanda a sala transformando esta em um único e amplo espaço.

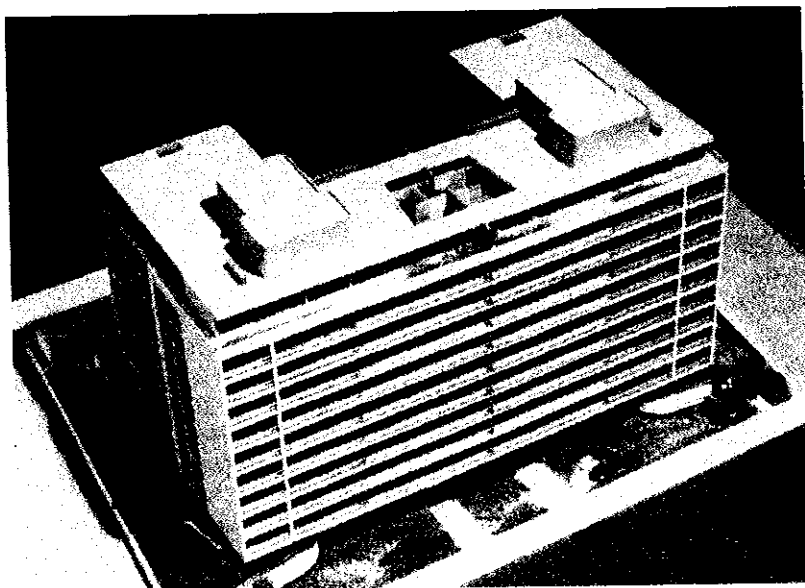
⁴⁹ Observação feita por Renato L. S. Anelli.

O Edifício Prudência

Em 1944, Rino Levi projeta no bairro de Higienópolis - então um dos melhores e mais elegantes da cidade, onde na década de quarenta se inicia a construção de edifícios de apartamentos de alto padrão de conforto destinados a classe de alto poder aquisitivo - o edifício Prudência, (...) "onde o conceito de espaço doméstico flexível será desenvolvido de maneira inédita no país."⁵⁰

O edifício Prudência foi construído em 1948 no sistema de condomínios, um sistema de produção para venda onde um incorporador formava uma cooperativa com os compradores dos apartamentos que se cotizavam para pagar o terreno, o projeto e a construção, este processo surge após a Lei do Inquilinato em 1942 que torna o aluguel uma atividade não mais rentável e alterando a forma de se produzir edifícios.

O Prudência se localiza num amplo terreno na avenida Higienópolis a partir de uma forma geométrica simples, um volume com planta ortogonal em forma "U"



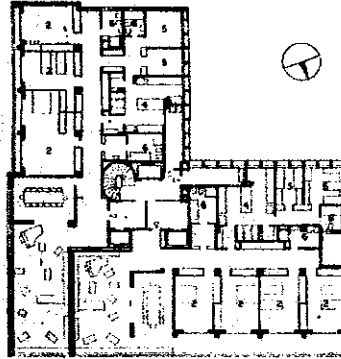
Fotografia da fachada do Edifício de Apartamentos Prudência, c. 1948

Maquete do Edifício Prudência, projeto do arquiteto Rino Levi em 1944, onde pode se observar a forma volumétrica e a implantação do edifício no terreno.

⁵⁰ Marcelo Tramontano - *Novos modos de vida, novos espaços de morar - Paris, São Paulo, Tóquio: uma reflexão sobre a habitação contemporânea*. Tese de Doutorado, São Paulo, FAUUSP, 1998, p266

afastado dos limites do lote. Além da garagem no subsolo e o térreo com jardins de Burle Marx o volume sobre pilotis abriga nove pavimentos mais a cobertura, nos pavimentos estão distribuídos quatro apartamentos agrupados dois a dois, servidos de duas torres de circulação vertical, com escada e três elevadores cada uma, localizadas nos ângulos internos do conjunto.

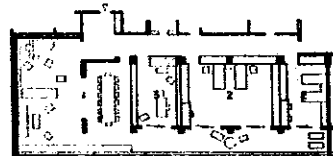
O apartamento de 400 m² possui água quente e ar condicionado centrais, sua planta é solucionada a partir de duas grandes áreas. A voltada para o interior do lote abriga os serviços e os "cômodos molhados", ou seja, uma grande cozinha, uma despensa, dois dormitórios e um banheiro para empregadas, alguns armários e dois banheiros com seus acessos voltados para o lado interno do apartamento. As áreas destinadas ao estar, jantar e dormitórios foram previstas inteiramente livres apenas marcada pela grelha estrutural e suas amplas aberturas envidraçadas, sem precedentes na época, a proposta de Levi era permitir inteira liberdade ao morador para adaptar o apartamento às suas necessidades através da possibilidade de organizarem suas próprias divisões internas por meio de armários e vedação leves. Na apresentação do projeto Rino desenha quatro sugestões possíveis para a ocupação do apartamento.



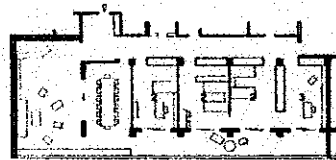
Planta do pavimento tipo do Edifício Prudência.

Estudo de ocupação proposto por Rino Levi.

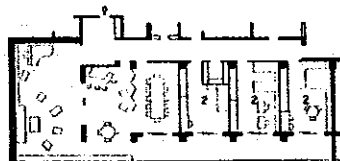
- 1 Sala de Estar e Jantar
- 2 Dormitórios
- 3 Escritório
- 4 Cozinha
- 5 Dormitórios de empregada
- 6 Banheiros



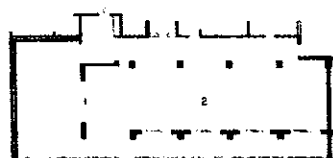
Proposta de ocupação - A



Proposta de ocupação - B



Proposta de ocupação - C



Planta livre marcada apenas pela grelha estrutural

S e g u n d o depoimentos⁵¹ dos arquitetos Roberto Cerqueira César e Luís R. Carvalho Franco todos os proprietários, com exceção de um, o Sr. Severo Gomes, recusaram essa proposta, construindo paredes de alvenaria sobre os eixos de modulação.



Essa recusa a novas alternativas espaciais, mostra o grau de comprometimento com os conceitos de moradia vigentes no imaginário das elites da época - e que se mantém até hoje nas elites e na classe média sempre disposta em acompanhar os conceitos e modismos da classe alta - onde a moradia conserva seus cômodos específicos com seus espaços distintos e bem caracterizados pelas áreas: "serviço", "íntima" e "social", impossibilitando qualquer tipo proposta que altere ou sobreponha estas funções.

Outra hipótese que deve ser considerada - levantada por Marcelo Tramontano⁵² - e que contribui para entendermos a recusa da maioria dos moradores do Prudência em manterem a proposta inicial de Rino Levi, é a associação da moradia com seus espaços flexíveis organizados por armários e divisórias leves, com as alternativas das classes mais baixas, cuja a inexistência de estanqueidade de suas moradias, lançam mão na maioria das vezes de divisórias improvisadas com tapumes, cortinas e armários, vinculando assim, para o conjunto da sociedade, (...) "uma imagem de precariedade ligada à miséria material que as casas duráveis das pessoas com algum êxito social jamais deveriam expressar."⁵³



Vista do Edifício Prudência, 1999

⁵¹ Depoimentos citados por Renato L. S. Anelli, *op. cit.*, 1995, p.237

⁵² Marcelo Tramontano, *op. cit.*, 1998, p.267

⁵³ *Idem, Ibidem*, p.267

Considerações Finais

Com a emergência da verticalização a partir do processo acelerado da metropolização de São Paulo, o surgimento de novos programas e novas tipologias estabeleceram um campo fértil para atuação dos arquitetos.

A partir da produção verticalizada o edifício de apartamentos, que a princípio era aceito com relutância, se consolidou mais tarde como um dos marcos mais reveladores da transformação do modo de vida residencial.

Com a constituição da arquitetura moderna na segunda metade da década de 20 as soluções para o edifício de apartamentos, que até então repetiam os modelos das residências burguesas, vão passar por uma revisão e serem repensadas em função de uma escala adequada ao edifício e aos novos modos de vida.

Estas primeiras soluções para o edifício de apartamentos realizadas pelos arquitetos ligados ao racionalismo construtivo e ao movimento moderno da arquitetura, apesar de enfrentarem dificuldades com a falta de materiais adequados e até mesmo com as idéias e os gostos vigentes da classe média para as habitações na época, além de repensar a distribuição espacial e inovar na forma de se produzir o espaço da moradia verticalizada vão estabelecer novas relações com o entorno, com a paisagem e se configurar como verdadeiro laboratório de experiências no uso de materiais e soluções formais para a arquitetura moderna que se constituía.

Neste sentido os edifício de apartamentos da Avenida Angélica projetado Júlio de Abreu Júnior, o Columbus e o Prudência projetados por Rino Levi são experiências exemplares, com seus aspectos e soluções inovadoras propostas para a moradia verticalizada.

Bibliografia

A.A.V.V.- Warchavichik, Pilon, Rino Levi - Três momentos da arquitetura paulista, São Paulo, Museu Lasar Segall/FUNARTE,1983.

A CONSTRUÇÃO "Primeiro edifício moderno do Rio já tem 48 anos", São Paulo, nº1615, 1979.

ANELLI, Renato Luiz Sobral - Arquitetura e Cidade na Obra de Rino Levi, Tese de Doutorado defendida na FAU-USP em 1995.

BRUAND, Yves - Arquitetura Contemporânea no Brasil, São Paulo, Perspectiva, 1981.

COGEP/FUNDAP O Planejamento Urbano em São Paulo: Documento", São Paulo, 1979.

DAHER, Luiz Carlos - "Atualidades do Modernismo (algumas imagens)", in A.A.V.V. - Warchavichik, Pilon, Rino Levi - Três momentos da arquitetura paulista, São Paulo, Museu Lasar Segall FUNARTE,1983.

FERRAZ, Geraldo - Warchavchick e a introdução da nova arquitetura no Brasil: 1925 a 1940, MASP, São Paulo, 1965.

FICHER, Sylvia - Edifícios Altos no Brasil, Revista Espaços e Debates, n.º 37, São Paulo, 1994.

LE MOS, Carlos - Arquitetura Brasileira, São Paulo, Melhoramentos/EDUSP, 1970.

_____ - Cozinhas, etc..., São Paulo, Perspectiva, 1978.

_____ - "Edifícios residenciais em São Paulo: da sobriedade personalização" revista *Projeto*, n.133, Julho de 1990.

_____ - "Os três pretensos abridores de uma porta difícil", in A.A.V.V. - Warchavichik, Pilon, Rino Levi - Três momentos da arquitetura paulista, São Paulo, Museu Lasar Segall/FUNARTE,1983.

_____ - Alvenaria Burguesa; breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo. São Paulo, Nobel, 1989.

LEVI, Rino - "Arquitetura e Estética das Cidades", *O Estado de São Paulo*, 15 de outubro, in XAVIER, Alberto (org.) Arquitetura moderna: Brasileira Depoimentos de uma Geração, São Paulo, Editora Pini/ ABEA/FVA, 1987.

MEYER, Regina M. P. - Metrópole e Urbanismo - São Paulo anos 50, Tese de Doutorado defendida na FAU-USP, em 1991.

QUINTEIRO, Ana Paula, et alli, Edifício de Apartamentos à Avenida Angélica nº 172, FAU-USP, 1990. (trabalho de conclusão da disciplina Economia do Edifício)

REIS FILHO, Nestor Gulart – Quadro da arquitetura no Brasil, São Paulo, Perspectiva, 1978

_____ - "Arquitetura Urbana de 1920-1940: apartamentos, escritórios e indústrias", Revista Acrópole, nº 351, 1968.

SEGAWA, Hugo - Arquiteturas no Brasil 1900-1990, São Paulo, Edusp, 1997.

SEVCENKO, Nicolau - O Orfeu Estático na Metrópole: São Pulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo." Bouvard: Um Urbanista Francês em São Paulo", São Paulo Centro XXI Entre História e Projeto, Associação Viva o Centro, São Paulo, 1994.

SOMEKH, Nadia - A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador: São Paulo 1920 - 1939 , Tese de Doutorado defendida na FAU-USP em 1994.

_____ - "São Paulo anos 30: verticalização e legislação urbanística", *Revista Espaço & Debates*, n. 40, São Paulo, 1995

_____ - A (des)verticalização de São Paulo , São Paulo, Dissertação de Mestrado defendida na FAU-USP, 1987.

SOUZA, Maria Adélia A.- A Identidade da Metrópole: a verticalização em São Paulo, São Paulo, Edusp, 1994

TRAMONTANO, Marcelo - Novos modos de vida, novos espaços de morar - Paris, São Paulo, Tóquio: uma reflexão sobre a habitação contemporânea. Tese de Doutorado, Defendida na FAUUSP, São Paulo, 1998.

_____ - Habitação Moderna: a construção de um conceito. São Carlos: EESC/USP, 1993.

TOLIPAN, Sérgio et alli. - Sete ensaios sobre o Modernismo. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983.

WARHAVCHIK, Gregori - "Il futurismo" publicado em 14 de junho, no jornal da colônia italiana // *Picolo* e republicado com o título "Acerca da Arquitetura Moderna" em 1 de novembro, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. in XAVIER, Alberto (org.) Arquitetura moderna Brasileira: Depoimentos de uma Geração, São Paulo, Editora Pini/ ABEA/ FVA, 1987.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo – Arquitetura moderna paulistana, São Paulo, Pini, 1983.

VAZ, Lilian Fessler - Historia da Habitação Coletiva na Cidade do Rio de Janeiro, Doutorado, FAU-USP, 1991.

Ilustrações

A CONSTRUÇÃO op. cit.:14; ANELLI, Renato Luiz Sobral, op. cit.: 19a, 19b, 19c, 19d, 21a; acervo pessoal: 20a, 20b, 21b, 22a, 22b, 23a, 23b, 25a, 25b; ATIQUE, Fernando, acervo pessoal: 18b; Caderno de textos organizados pela Associação Viva o Centro, op. cit.: 3, 4; FERRAZ, Geraldo op. cit.: 8a, 8b, 9a, 9b, 9c, 10a, 10b, 10c; LOCILENTO, Renato A., acervo pessoal: 16a, 16b, 16c, 17b,18a;MINDLIN, Henrique E., L'Architecture Moderne au Bresil, Paris, Vicent, Fréal & CIE, 1956.: 24a, 24b, 24c, 24d, 24e; QUINTEIRO, Ana Paula, et alli, op. cit.:15a, 15b, 17a; REIS FILHO Nestor Gulart, op. cit.:13; SOUZA, Maria Adélia A., op. cit.:5a, 5b, 6, 7; VAZ, Lilian Fessler op. cit.:12.

Ilustrações da Capa - Renato A., acervo pessoal: a, b; REIS FILHO Nestor Gulart, op. cit.: c.